

DIÁLOGO SEM CERTEZAS

Luiz Carlos Bresser Pereira

Discurso pronunciado na *Folha de S. Paulo*,
no almoço de colaboradores, 25.maio.1998.

Senhoras e Senhores

É um prazer estar aqui novamente, dezesseis anos depois do primeiro almoço de colaboradores da *Folha de S. Paulo*, e novamente ser convidado pela direção do jornal para pronunciar o discurso em nome de todos nós que escrevemos neste grande jornal. Os Frias são meus amigos pessoais. Nestes últimos 25 anos estivemos em muitas lutas juntos, eles sempre conservando sua perspectiva crítica e independente, eu sempre comprometido com um partido político, mas os dois Otávios e eu tendo sempre claro que existe um projeto comum de país e de sociedade democrática a ser perseguido.

Desde meados dos anos 70, em pleno regime ditatorial, quando a *Folha* estabeleceu a política democrática e plural de abrir sua página 3 para todas as correntes de opinião, venho colaborando regularmente para esta página, e, durante vários anos, também para a página 2, quando nesta página também foi inaugurada uma coluna de colaboradores. A pergunta que me faço hoje, quando pela terceira vez colaboradores do jornal se reúnem em um almoço com seus jornalistas, é tão simples quanto difícil de responder: O que mudou nestes anos? no mundo? no Brasil? e como mudamos nós diante de tanta transformação?

Talvez a principal mudança tenha sido a de que hoje já não vivemos um tempo de certezas. Nos anos 70 e até 1984, tínhamos uma certeza, compartilhávamos uma batalha que unia quase todos nós: a luta contra o regime autoritário. Os esquemas eram então simples, quase lineares. De um lado os democratas, nós, que éramos também progressistas, criticando a concentração de renda que ocorria então, que nos imaginávamos keynesianos embora fossemos na verdade populistas, e que supúnhamos que uma política de demanda e um projeto nacional de desenvolvimento resolveriam a um tempo os problemas econômicos e sociais do país. De outro lado, os autoritários, em minoria entre nós, que corporificariam em si próprios todos os males: do conservadorismo ao entreguismo.

Quando a crise fiscal do Estado e o fim do consenso keynesiano começaram a colocar em dúvida esta simplificação, em meados dos anos 80, ao mesmo tempo que a democracia era afinal restaurada, um novo inimigo surgiu para nos unir: a alta inflação. Durante dez anos, entre 1985 e 1994 - quando o mundo virava de cabeça para baixo, quando a crise da dívida externa liquidava as esperanças dos países em desenvolvimento de alcançar os países desenvolvidos, e quando o colapso do comunismo punha um ponto final na confusão burocrática entre socialismo e estatismo e mostrava para os socialistas que o socialismo só poderá um dia ser alcançado reformando o capitalismo e não o eliminando - nesses dez anos nós, no Brasil, estávamos todos voltados para uma batalha sem trégua: a da estabilização da moeda nacional.

Como a batalha da democracia foi vencida em 1984, depois da memorável campanha das Diretas Já, a luta contra a inflação tornou-se vitoriosa com o Plano Real, em 1994. Dois enormes avanços, que vão se consolidando na sociedade brasileira. Mas, e agora, o que fazer? Quem combater? Onde está o grande inimigo? Inútil procurá-lo, embora haja sempre dogmáticos a querer inventá-lo. Foi-se o tempo das certezas. O único projeto indiscutível que a sociedade brasileira tem diante de si é o do debate democrático, é o do diagnóstico difícil dos problemas, é o da busca de soluções que são sempre parciais, é o do esforço para aumentar a capacidade de ver o novo, de pensar idéias novas para problemas novos.

Sim, a direita e a esquerda continuam a existir. Sim, temos em um extremo a velha esquerda nacionalista, no outro, a nova direita neoliberal. E temos as novas propostas da nova esquerda social-liberal, que nem sempre coincidem com as propostas apenas liberais do *establishment* de centro-direita. Sim, temos visões de mundo diferentes. Temos aqueles que acreditam que a globalização é uma estratégia de dominação do mundo, e aqueles que a vêem como um desafio tecnológico e ideológico a ser enfrentado. Temos aqueles que reconhecem a crise do Estado e aqueles que a negam, aqueles que querem reconstruir o Estado e aqueles que querem reduzi-lo ao mínimo. Temos aqueles que continuam a pensar que a justiça social é uma questão de vontade dos governantes, e aqueles que conhecem seus próprios limites e sabem que ela só pode ser o produto de uma complexa e difícil negociação social e política. Sim, temos muito a discutir e a debater, porque ninguém tem o direito de se pensar dono da verdade, porque sem diálogo e sem concessões mútuas é impossível construir uma nação.

Mas estamos sendo capazes de praticar esse diálogo? Não sei, não estou seguro. Vejo duas sombras diante de nós. De um lado, o dogmatismo ideológico da velha esquerda, de outro, a desconfiança crítica da imprensa.

Só existe democracia quando há *common ground*. Quando há respeito entre os debatedores. Quando, apesar de toda a discordância, apesar dos interesses e das visões de mundo em conflito, diagnósticos básicos sobre a realidade, valores centrais

relativos à democracia e aos direitos de cidadania, e as regras mínimas do debate são compartilhados. Ora, na minha experiência pessoal tenho visto esse *common ground* faltar de forma dramática: faltar quando os parlamentares do principal partido de oposição se recusaram a debater comigo a reforma administrativa, quando um sindicato de servidores públicos de Brasília colocava *outdoors* e anúncios pagos na televisão dizendo: “Bresser quer acabar com o serviço público, quer acabar com a educação e a saúde pública e transformar o Estado em polícia”. Cito esses dois casos pessoais de dogmatismo da velha esquerda, mas estou certo de que cada um dos aqui presentes terão histórias semelhantes a contar, da esquerda ou da direita. A política é a luta pelo poder do Estado, é o entrechoque dos interesses e das concepções de mundo, é a realização de compromissos, mas, se for democrática, é também a busca do diálogo, é o exercício do respeito ao outro.

Mas e a outra ameaça? E a desconfiança crítica da imprensa? Será mesmo um inimigo do debate? Não estará a imprensa no seu papel sendo desconfiada? Sem dúvida, mas desde que a desconfiança não se transforme no desrespeito. Desde que não haja o pressuposto de todos nós, políticos, quando defendemos alguma posição, quando fazemos alguma coisa, tenhamos sempre um objetivo pessoal, que haja sempre um interesse inconfessável por trás a ser revelado, que ações em função do interesse público não existem. Quando leio a *Folha* fico com frequência com essa sensação. Otavio Frias Filho, quando me convidou para fazer este discurso, sugeriu que eu aproveitasse o momento para dizer todos o que tenho dito a ele e a seu pai. Pois bem, esta é minha principal crítica, ou minha principal sugestão à *Folha* e a seus jornalistas. Desconfiem, mas não tanto, porque quando a desconfiança é radical, a falta de respeito ao outro é inevitável. E nesse momento temos um efeito não desejado da crítica: o outro é desqualificado e o diálogo democrático, inviabilizado.

Poucos jornais contribuíram mais para a restauração democrática do que a *Folha*, da mesma forma que poucos grupos políticos lutaram tanto contra o regime militar de 1964 quanto a esquerda. Se critico a ambos é porque acredito na argumentação e no diálogo. Porque sei que o consenso não é nem possível nem desejável, mas, também, porque estou convicto que a luta comum dos homens e mulheres dotados de espírito público para implantar no nosso país um sistema econômico mais justo e um regime político mais democrático acabará prevalecendo. (*Folha de S. Paulo*, 26.5.98)